

A PRODUTIVIDADE DA NOÇÃO DE *ISOTOPIA* NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS DO TEXTO

Gláucia Muniz Proença LARA (UFMG)¹

RESUMO: Originária do domínio da Física, a noção de *isotopia* é redefinida, no quadro da teoria semiótica (francesa), como a permanência de um efeito de sentido ao longo da cadeia do discurso, respondendo, portanto, pela sua coerência semântica (temática e figurativa). No presente artigo, buscaremos explorar o caráter operatório dessa noção em textos de diferentes gêneros, mostrando que ela funciona como um “horizonte de expectativas”, permitindo ao leitor não apenas formular hipóteses sobre o(s) plano(s) de leitura de um dado texto, mas também perceber eventuais rupturas para criar determinados efeitos de sentido, como, por exemplo, a surpresa e o humor.

RÉSUMÉ: Issue du domaine de la Physique, la notion d’isotopie est redéfinie, dans le champ théorique de la sémiotique française, en termes de permanence d’un effet de sens tout au long de la chaîne du discours, assurant alors sa cohérence sémantique (thématique et figurative). Cet article se propose d’examiner le caractère opératoire de la notion dans des textes appartenant à différents genres du discours, dans le but de montrer qu’elle fonctionne comme un “horizon d’attentes” rendant possible au lecteur non seulement de formuler des hypothèses sur le(s) plan(s) de lecture d’un texte donné, mais aussi d’y entrevoir les éventuelles ruptures qui servent à produire certains effets de sens, dont, par exemple, la surprise et l’humour.

1. Introdução

Tomada como teoria da significação, a semiótica greimasiana volta-se para a explicitação das condições da apreensão e da produção do sentido. Examina, assim, o plano de conteúdo dos discursos, através de um percurso que vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto: o percurso gerativo de sentido. Porém, inspirada na fenomenologia, interessa-se não pelo sentido como algo pronto e acabado, mas pelo “parecer do sentido”, que se apreende por meio das formas de linguagem e, mais concretamente, dos discursos que o manifestam. Trata-se, pois, de uma “abordagem relativista de um sentido, se não sempre incompleto, pelo menos sempre pendente nas tramas do discurso” (BERTRAND, 2003, p. 16-21).

Dentro desse amplo quadro teórico, focalizaremos, no presente trabalho, a noção de *isotopia* com o objetivo de mostrar sua produtividade na construção de sentidos de textos de diferentes gêneros: dois anúncios publicitários, uma tira humorística e três textos literários (duas narrativas e um poema). Buscaremos explorar o “caráter operatório” – como já diziam Greimas; Courtés (1993, p. 197) – dessa noção, mostrando que ela funciona como um “horizonte de expectativas”, permitindo não apenas formular hipóteses – que serão corroboradas ou refutadas – sobre o(s) plano(s) de leitura de um texto, mas também perceber as eventuais rupturas para criar determinados efeitos de sentido, como, por exemplo, a surpresa e o humor.

2. Definindo isotopia

Tomada de empréstimo ao domínio da física, onde significa “fenômeno apresentado por vários núcleos que têm o mesmo número atômico, mas números de massa diferentes” (Novo Dicionário Aurélio, 1986, p. 973), a noção de *isotopia* foi ressignificada no seu novo campo de aplicação. Segundo Greimas; Courtés (1993, p. 197-198), esse conceito, que se situa no componente semântico do nível discursivo do percurso gerativo de sentido, designou, num primeiro momento, a iteratividade de clasemas ao longo de uma cadeia sintagmática que garantia ao discurso-enunciado sua homogeneidade. Nessa acepção, um sintagma reunindo ao menos duas figuras sêmicas poderia ser considerado o contexto mínimo para o estabelecimento de uma isotopia. Num segundo momento, o conceito de isotopia se ampliou: ao invés de

¹ Professora da Faculdade de Letras, com Doutorado em Semiótica e Linguística Geral pela Universidade de São Paulo e Pós-Doutorado em Semiótica, junto ao Groupe de Recherches Sémiotiques (França), coordenado por Jacques Fontanille. E-mail para contato: gmlara@gmail.com .

designar unicamente a iteratividade de classemas, passou a definir-se como uma recorrência de categorias sêmicas, permitindo, assim, que se falasse de isotopias temáticas e isotopias figurativas².

Essas duas definições bem distintas, no entender de Bertrand (2003, p. 187-188), marcam, na verdade, duas etapas na reflexão sobre esse conceito: uma mais restrita (iteração de classemas³) e outra mais ampla (redundância de um efeito de sentido, sob a responsabilidade do enunciador). A primeira abordagem, de cunho estrutural, apóia-se na análise sêmica, propondo, portanto, que se vá do elemento para o conjunto. Essa concepção tende a considerar que a significação está, de certa forma, pré-estabelecida no próprio texto, sendo, por isso, fechada e imutável. A segunda, mais atual, busca, ao contrário, ir do conjunto para o elemento, considerando as operações de construção do sentido pela atividade enunciativa do autor ou do leitor. Mostra-se, desse modo, mais compatível com a evolução da própria semiótica que, longe de permanecer num puro formalismo, foi progressivamente integrando a dimensão enunciativa. Assim, sem perder de vista a semiótica do enunciado, centrada nas articulações internas do texto, voltaremos nosso olhar para a semiótica de enunciação, calcada nas operações de leitura, sobretudo aquelas que se realizam no contexto escolar.

Queremos, com isso, mostrar como a semiótica greimasiana – ou, pelo menos, uma de suas categorias (dadas as limitações de espaço de um artigo) – pode contribuir para a formação de leitores proficientes, capazes de construir sentidos adequados para aquilo que lêem. Considerando que a semiótica é, com certa frequência, acusada de ser uma teoria difícil, complexa, hermética, o que propomos fazer é “didatizá-la”, sem, no entanto, cair no extremo oposto: o de sua banalização ou simplificação excessiva. Seguimos, nesse sentido, propostas bem-sucedidas, como as que foram desenvolvidas por FIORIN; SAVIOLI (1990; 1997).

Partindo, portanto, da definição de Bertrand (2003, p. 153), que toma isotopia como “a permanência de um efeito de sentido ao longo da cadeia do discurso”, analisaremos alguns textos para mostrar o “funcionamento” dessa noção. Cabe reiterar aqui que, diferentemente do campo semântico e do campo lexical, a isotopia não tem por horizonte a palavra, mas o discurso, pertencendo, portanto, à dimensão sintagmática.

Como mostra Barros (1988, p. 125-129), é a presença de isotopias temáticas e figurativas (ou, pelo menos, de uma isotopia temática) que garante a coerência semântica do discurso. No caso dos textos pluri-isotópicos, isto é, aqueles que articulam duas ou mais isotopias, podemos, segundo a autora, pensar em quatro combinações possíveis: a) várias isotopias figurativas que remetem a diferentes isotopias temáticas; b) diferentes isotopias figurativas ligadas a uma mesma isotopia temática; c) uma única isotopia figurativa relacionada a várias isotopias temáticas; d) várias isotopias temáticas relacionadas entre si (nos textos temáticos ou de figuração esparsa).

A partir do que foi exposto até agora, constatamos que as isotopias são, na maioria das vezes, complexas e entretecidas na realidade concreta dos textos, como mostraremos em nossa análise, consistindo a leitura em selecionar e justificar uma ou mais isotopias que comandam a significação global. Para Bertrand (2003, p. 18), boa parte das divergências de interpretação baseia-se em diferentes seleções de isotopias regentes, o que pode ocorrer tanto nos mal-entendidos da conversação cotidiana quanto na leitura “plural” dos textos polissêmicos.

Nessa perspectiva, como as isotopias se relacionam de diferentes formas: por articulação, por oposição, por superposição etc, a passagem de um plano de leitura a outro(s), sem que se perca a coerência do discurso, é garantida pelos *conectores* e pelos *desencadeadores* de isotopias.

Conectores são lexemas ou sintagmas da instância da manifestação textual que podem ser lidos simultaneamente em dois (ou mais) planos isotópicos. Essa função é desempenhada, em geral, por metáforas e metonímias que, dessa forma, deixam de ser *figuras de palavras* para se tornarem *figuras de discurso*. Os conectores instalam, pois, leituras coexistentes e parcialmente concorrentes de uma mesma significação.

Diferentemente dos conectores, um elemento *desencadeia* uma isotopia quando não pode ser integrado a uma determinada leitura já reconhecida, o que obriga a propor-se um novo plano isotópico (um novo plano de leitura).

² Segundo Fiorin (1989, p. 64-65), figuras são termos que remetem a elementos do mundo natural (efetivamente existente ou construído como tal): árvore, sol, correr, brincar, vermelho etc, enquanto temas são categorias que organizam, classificam, ordenam esses elementos: elegância, vergonha, raciocinar, orgulhoso etc. Os temas e as figuras articulam-se em percursos, podendo um dado texto ficar apenas no nível temático (textos científicos e filosóficos, por exemplo) ou ser “revestido” por figuras (textos literários, em geral, que criam, assim, simulacros da realidade). Isso quer dizer que todos os textos passam por um primeiro nível de tematização, podendo (ou não) ser figurativizados. Nessa perspectiva, as isotopias temáticas surgem da reiteração dos temas e as figurativas, da redundância das figuras, quando esses elementos ocupam a dimensão total do discurso.

³ Um exemplo dessa primeira acepção seria, por exemplo, um enunciado como “O cão late”, em que o classema /caninidade/ é reiterado nos dois sememas, estabelecendo uma “isotopia mínima” (cf. BERTRAND, 2003, p. 187).

Como exemplo de *conector de isotopias*, citemos o enunciado que aparece, com alguma frequência, em adesivos colados em pára-brisas de automóveis: *Advogado: com ele você fica legal*, em que o termo destacado permite tanto uma leitura jurídica (legal = na legalidade) quanto uma leitura voltada para o bem-estar, para a tranquilidade do indivíduo que recorre ao profissional em questão.

Já para ilustrar o conceito de *desencadeador de isotopias*, lembremos o belo poema de João Cabral de Melo Neto “O ferrageiro de Carmona”, analisado por Fiorin (1994). Nele, há determinados termos que não se encaixam no plano de leitura do trabalho com o ferro, descrito como uma oposição entre a fundição (em que a fôrma dá forma ao ferro) e o forjamento (em que o ferreiro é que dá forma ao ferro, dobrando-o, domando-o, segundo sua vontade). Esses termos (*gritos, poeta, voz, língua*) desencadeiam um novo plano de leitura: o do trabalho com a linguagem, em que se valoriza a poética de produção de novas formas (metaforizada como “forjamento”), em detrimento do uso de fórmulas já prontas (imitação de formas, num trabalho metaforizado pela “fundição”).

3. Analisando as isotopias em textos

Vejam, a seguir, dois anúncios publicitários (vide anexo 1), publicados na revista **Veja** (21/12/2005). O primeiro (texto 1), produzido pela Sadia, anuncia um novo produto: o Fiesta, descrito como “mais peito, mais coxa” e, além disso, como “a companhia perfeita para o Peru Sadia neste natal” (mensagem que vem em letras menores, no final do texto principal). O segundo (texto 2) é uma mensagem de final de ano do Banco Rural, apresentada sob a forma de uma fábula, o que caracteriza a transgressão ou a “intertextualidade inter-gêneros”, nas palavras de Marcuschi (2002). Seguem os textos.

Texto 1

VOCÊ GOSTA DO PEITO,
SEU PRIMO GOSTA DO PEITO,
SEU TIO GOSTA DO PEITO,
SEU AVÔ GOSTA DO PEITO
E NINGUÉM VAI PRECISAR
BRIGAR POR ISSO.

No anúncio da Sadia, é a presença da figura “peito”, funcionando metonimicamente (a parte pelo todo), que permite que o texto seja lido simultaneamente na isotopia temática alimentar (em que *peito* significa “parte anterior do tórax das aves que é especialmente rica em carne”) e na isotopia temática sexual (em que *peito* designa “o seio feminino”). O que permite essa segunda leitura é o fato de a “preferência pelo peito” remeter, no texto em questão, basicamente ao universo masculino (primo, tio, avô), funcionando o lexema em destaque como um conector de isotopias. No plano da expressão, a cor vermelha, que predomina no anúncio (tanto como “fundo” do texto quanto como rótulo do produto) parece reforçar a isotopia sexual. Por outro lado, o uso do *você*, precedendo os elementos do sexo masculino que gostam do peito, parece ficar propositadamente ambíguo para permitir a inserção das mulheres no universo de consumidores do peito, o que, nesse caso, reforça a isotopia alimentar.

Com essa dupla leitura, cria-se um efeito de sentido de humor, que permite desenquadrar o produto (o peito de frango da marca Sadia) do seu enfoque normal para um novo enfoque, que busca destacá-lo no mar de ofertas (de produtos e serviços) que cercam o consumidor no dia-a-dia.

Vejam agora o anúncio do Banco Rural:

Texto 2

Bem do alto de um pico rochoso, a águia empurrava seus filhotes para a beirada do ninho. Ao sentir a resistência dos bichinhos seu coração se acelerou. Por que a emoção de voar tem que começar com o medo de cair? Apesar de tudo a águia sabia que aquele era o momento. Enquanto os filhotes não descobrirem suas asas não haverá propósito para a vida deles. Enquanto não aprenderem a voar não compreenderão o privilégio que é nascer águia.

A águia encheu-se de coragem. O empurrão era o maior presente que ela podia oferecer-lhes. Era seu supremo ato de amor. Então, um a um ela os precipitou para o abismo e eles voaram.

Às vezes, em nossa vida, as circunstâncias fazem o papel de águia. São elas que nos empurram para o desconhecido. E são elas que nos fazem descobrir que temos asas para voar.

No anúncio do Banco Rural, que, como afirmamos anteriormente, é apresentado sob a forma de uma fábula, passa-se da isotopia figurativa animal (trata-se, no primeiro plano, de uma história de bichos: uma águia que ensina seus filhotes a voar) para uma isotopia humana, pois, como diz Fiorin (1989, p. 82), a fábula, enquanto gênero literário, serve para pôr a nu certos comportamentos do homem. O que nos permite passar de uma isotopia à outra é a presença de traços /+ humanos/⁴ ligados ao comportamento da águia: ela pensa, pondera, tem sentimentos; é, em suma, antropomorfizada. Na última parte do anúncio, que funciona como uma espécie de “moral”, essa passagem é explicitada e chegamos, então, ao tema (à “lição” que confere um sentido global ao texto: a de que somos capazes de vencer os desafios que a vida nos coloca. Constrói-se, assim, a isotopia temática da competência. A fábula é, pois, um gênero privilegiado para observarmos a relação entre o temático e o figurativo. Como afirma Bertrand (2003, p. 214), no par fábula/moral, “a primeira dispõe em expansão figurativa aquilo que a última condensa abstratamente”.

No texto em análise, o enunciatório, que, no geral, esperaria encontrar um anúncio da singularidade dos serviços oferecidos pelo banco e/ou os resultados benéficos de sua utilização (agilidade, segurança, novos investimentos etc) se surpreende com a forma nada convencional de uma fábula, o que, naturalmente, faz parte das estratégias do enunciador na construção do seu fazer-persuasivo-discursivo: é como se o banco deixasse de lado, por alguns momentos, seus interesses financeiros mais imediatos para se solidarizar com o enunciatório (leitor), mostrando, assim, uma atitude menos tensa, menos comprometida com questões como lucro, taxas, cobranças. Lembremos que o anúncio foi publicado próximo do Natal (mais exatamente, no dia 21 de dezembro), o que é um dado contextual relevante para a produção de sentidos. Por outro lado, a presença do slogan *Em 2006, descubra suas possibilidades*, seguido do logotipo do Banco Rural, permite “ultrapassar” a fábula e recuperar os elementos coercitivos do gênero publicidade, mostrando o banco em questão como um possível aliado do leitor (cliente real ou potencial) na descoberta de suas possibilidades (suas “asas para voar”) em 2006.

Vejam agora um texto de um outro gênero: uma tira humorística, que foi publicada no jornal **Folha de São Paulo** (27/10/2004) e que consta do anexo 2 (texto 3)⁵. Na tira apresentada, é a aparente “ruptura” na fala do médico (prenunciada, nos quadrinhos 1 e 2 como se inscrevendo na isotopia temática da saúde e passando, no quadrinho 3, para a isotopia culinária) que suscita o humor. Assim, o “dever” proibitivo das duas falas iniciais (*Você vai ter que cortar a carne... cortar o bacon, a pimenta, a lingüiça*), que poderiam ser parafraseadas por “Você está proibido de comer carne, de comer bacon, pimenta, lingüiça” (prescrição médica), é resignificado, no último quadrinho, como uma instrução necessária para a correta confecção de um prato (receita de cozinha), passando-se, pois, da proibição (de um *dever não fazer*) para a necessidade deôntica: *é preciso* seguir determinados passos para alcançar um resultado satisfatório “materializado” num prato bem-feito, saboroso.

Somos, pois, levados a reler a tira humorística (num certo sentido, a corrigir a primeira leitura feita) como se tratando não de uma conversa mantida entre médico e paciente, enquanto papéis bem determinados socialmente, mas como um diálogo entre duas pessoas que estão num consultório (tomado como espaço físico, não como “lugar de enunciação”⁶) e que, numa relação de quase cumplicidade entre amigos, falam de assuntos triviais. Nessa perspectiva, a isotopia culinária acaba por sobrepor-se à isotopia da saúde. Os enunciados do último quadrinho – *Jogue tudo numa panela e refogue com alho*, com destaque para os lexemas *panela* e *refogar* – funcionariam como desencadeadores de isotopia, na medida em que, não “cabendo” na primeira leitura que vinha sendo feita (a da saúde), obrigam-nos a propor um outro (novo) plano de leitura: o da culinária.

Feita a releitura, constatamos que a presença do lexema *cortar*, nos dois primeiros quadrinhos, não se dá por acaso. É ele que articula as duas isotopias, permitindo que se vá de uma à outra: é um conector de isotopias, significando tanto “deixar de consumir, eliminar da alimentação” no primeiro plano de leitura (o da saúde), quanto “picar em pedaços, dividir com instrumento cortante” no segundo plano (o da culinária), que é o que prevalece, afinal de contas. Em outras palavras: o segundo plano de leitura já estava inscrito no

⁴ Para Fiorin (1989, p. 81), nas fábulas, os lexemas com traço /+ humano/ funcionam como desencadeadores de isotopia, uma vez que, não estando integrados a uma isotopia inicialmente proposta (no caso, a isotopia não humana), obrigam o leitor a estabelecer um novo plano de leitura.

⁵ A tira humorística em questão foi analisada sob um outro enfoque em Lara (2005).

⁶ Os “lugares de enunciação”, segundo Maingueneau (1993), são regulados por um conjunto de dispositivos (ou de coerções) que permitem a emergência de determinado(s) discurso(s) e não de outro(s). Como se vê, as “falas” do doutor que atende o pai da Aline inscrevem-se numa outra dêixis discursiva, num outro universo de sentido, que não o médico. Daí nossa afirmação de que o consultório funciona, nessa situação específica, apenas como um espaço físico, já que esse tipo de conversa poderia ocorrer também num bar, na rua, num clube.

texto desde o início, mas o leitor só percebe isso quando chega ao terceiro quadrinho e é “obrigado” a reler os dois primeiros. Daí o efeito de humor que se constrói.

Tomemos, finalmente, o domínio literário para examinar dois de seus gêneros: a narrativa e o poema. No primeiro caso, analisaremos dois textos de autoria de Ítalo Calvino, presentes no livro **Cidades Invisíveis**. No segundo, o poema “Ao shopping center”, de José Paulo Paes. Começemos por Calvino (textos 4 e 5 abaixo)⁷:

Texto 4: As cidades e a memória 2

O homem que cavalga longamente por terrenos selváticos sente o desejo de uma cidade. Finalmente, chega a Isidora, cidade onde os palácios têm escadas em caracol incrustadas de caracóis marinhos, onde se fabricam à perfeição binóculos e violinos, onde quando um estrangeiro está incerto entre duas mulheres sempre encontra uma terceira onde as brigas de galo se degeneram em lutas sanguinosas entre os apostadores. Ele pensava em todas essas coisas quando desejava uma cidade. Isidora, portanto, é a cidade de seus sonhos: com uma diferença. A cidade sonhada o possuía jovem; em Isidora, chega em idade avançada. Na praça, há o murinho dos velhos que vêm a juventude passar; ele está sentado ao lado deles. Os desejos agora são recordações.

A análise semiótica da narrativa acima, que fala da cidade de Isidora, permite identificar uma isotopia maior, que chamaremos de isotopia existencial, que “atravessa” dois percursos figurativos que se opõem: o da juventude e o da velhice. Buscando os temas que subjazem às figuras, constatamos que a *juventude* é tematizada pela competência para o trabalho, pela fartura sexual, pela energia/irresponsabilidade, que se articulam, respectivamente, às figuras dos *violinos e binóculos fabricados à perfeição*, das *três mulheres para um só estrangeiro*, das *brigas de galo/lutas sanguinosas entre apostadores*. Já a *velhice* pode ser identificada nos temas da recordação e do sonho, figurativizados pelos *velhos* que, debruçados no murinho, vivem do passado (“Os desejos agora são recordações”).

A isotopia existencial, metaforizada nas “escadas em caracol incrustadas de caracóis marinhos”, remete, assim, ao próprio ciclo da vida – em que juventude e velhice se encaixam entre os momentos extremos do nascimento e da morte –, articulando-se às isotopias da circularidade e da dinamicidade, reiteradas pela figura do *caracol* (que aparece duas vezes) e da *escada* (que sugere movimento).

Num outro nível (o da sintaxe discursiva), as projeções da enunciação no enunciado (as debreagens de tempo e espaço) contribuem para reforçar a oposição entre os percursos figurativos da juventude e da velhice. A passagem de uma debreagem enunciativa de tempo (presente) para uma debreagem enunciativa (pretérito imperfeito) marca dois momentos na narrativa. Esse vai-e-vem entre os dois tempos (iniciado no lexema *pensava*) representa o *movimento da lembrança*, associado ao percurso temático-figurativo da velhice. Pode-se relacionar, a partir daí, a *velhice ao presente* e a *juventude ao passado*. Da mesma forma em relação ao espaço, a figura do homem que cavalga por terrenos selváticos (espaço do jovem – o lá) dá lugar ao homem que se senta na praça (espaço do velho – o aqui) para ver a juventude dos outros. Podemos, nesse caso, com base em Bertrand (2003, p. 188), falar em isotopias (figurativas) de tempo e de espaço, que também conferem unidade e coerência ao discurso, associando-se às demais isotopias descritas.

Vamos ao segundo texto de Calvino (texto 5), que fala da cidade de Eutrópia:

Texto 5: As Cidades e as Trocas 3

Ao entrar no território que tem Eutrópia como capital, o viajante não vê uma, mas muitas cidades, todas do mesmo tamanho e não dessemelhantes entre si, espalhadas por um vasto e ondulado planalto. Eutrópia não é apenas uma dessas cidades mas todas juntas; somente uma é habitada, as outras são desertas; e isso se dá por turnos. Explico de que maneira. No dia em que os habitantes de Eutrópia se sentem acometidos pelo tédio e ninguém mais suporta o próprio trabalho, os parentes, a casa e a rua, os débitos, as pessoas que devem cumprimentar ou que os cumprimentam, nesse momento todos os cidadãos decidem deslocar-se para a cidade vizinha que está ali à espera, vazia e como se fosse nova, onde cada um escolherá um outro trabalho, uma outra mulher, verá outras paisagens ao abrir as janelas, passará as noites com outros passatempos amizades impropérios. Assim as suas vidas se renovam de mudança em mudança, através de cidades que pela exposição ou pela pendência ou pelos cursos de água ou pelos ventos apresentam-se com alguma diferença entre si. Uma vez que a sua sociedade é organizada sem grandes diferenças de riqueza ou de autoridade, as passagens de uma função para a outra ocorrem quase sem atritos; a variedade é assegurada pelas múltiplas incumbências, tantas que no espaço de uma vida raramente retornam para um trabalho que já lhes pertenceu.

⁷ As análises dos textos de Calvino foram feitas em co-autoria com Maria Magda de Lima Santiago, aluna do Mestrado em Linguística (POSLIN) da Faculdade de Letras da UFMG.

Deste modo a cidade repete uma vida idêntica deslocando-se para cima e para baixo em seu tabuleiro vazio. Os habitantes voltam a recitar as mesmas cenas com atores diferentes, contam as mesmas anedotas com diferentes combinações de palavras; escancaram as bocas alternadamente com bocejos iguais. Única entre todas as cidades do império, Eutrópia permanece idêntica a si mesma. Mercúrio, deus dos volúveis, patrono da cidade, cumpriu esse ambíguo milagre.

A análise do texto acima, que, a exemplo do anterior, é figurativo (o que cria um efeito de sentido de realidade, na medida em que se constrói um simulacro do mundo real), permite identificar uma isotopia que o atravessa do início ao fim: a isotopia da coletividade. A narrativa evidencia o conjunto, minimizando, dessa forma, o indivíduo. As várias cidades sob o nome de Eutrópia não estão dentro de nenhuma hierarquia, não são identificáveis entre si, e as figuras usadas para sua descrição demonstram a frugalidade das diferenças entre elas. Dessa forma, embora os moradores se desloquem “através de cidades que pela exposição ou pela pendência ou pelos cursos de água ou pelos ventos apresentam-se com alguma diferença entre si”, trata-se de cidades que são “todas do mesmo tamanho e não dessemelhantes entre si”. Em outras palavras: a identidade individual (calcada na singularidade), tanto das cidades quanto das pessoas – que têm profissão, casa, parentes, mas não apresentam “grandes diferenças de riqueza ou de autoridade” – é reconhecida no discurso, mas apenas para ser negada em seguida: a ênfase recai sobre a semelhança. É como se o coletivo (o similar) lançasse uma nuvem sobre o individual (o diferente).

O movimento das pessoas obedece a uma ordem conjunta: os habitantes da cidade mudam-se, ao mesmo tempo, para a cidade vizinha, estando aí inscrita uma concordância ou ainda uma repetição de pensamentos e comportamentos. Uma outra isotopia articula-se, assim, à da coletividade: a isotopia da mudança/do deslocamento, que, no entanto, mantém a impressão do coletivo e da semelhança (em detrimento do individual e do diferente). Nessa perspectiva, se a princípio a isotopia da mobilidade remete à modificação para melhor – “assim as suas vidas se renovam de mudança em mudança, através de cidades”, no final da narrativa, ela deve ser relida como repetição, desencadeando a isotopia oposta: a da estagnação. O tema da repetição associa-se, no discurso, às figuras “*mesmas cenas*”, “*mesmas anedotas*”, “*bocejos iguais*” e ao próprio “*tabuleiro vazio*” (o ondulado planalto onde se localizam as cidades), o que indica inércia ou estagnação. Ou seja, muda-se a manifestação (afinal, são “as mesmas cenas com atores diferentes” ou “as mesmas anedotas, com diferentes combinações de palavras”), mas a essência mantém-se inalterada.

A renovação é, pois, superficial, figurativizada nas mudanças aleatórias de espaço, já que a cidade e seus habitantes seguem iguais através do tempo. A cidade continua o seu caminhar coletivizado, de mobilidade aparente, repetitivo, estacionado, vazio. Uma não-mobilidade, não-evolução, estagnação, enfim. Como afirma o narrador: “Eutrópia permanece idêntica a si mesma”. O tema da volubilidade, figurativizado pelo Deus Mercúrio, permite que se passe da aparente mudança à permanência do mesmo.

Do ponto de vista das modalidades veridictórias, diríamos, pois, que Eutrópia é uma mentira ou uma ilusão (parece, a cada vez, uma outra – nova – cidade, mas não é). E os habitantes farão as mesmas coisas, apenas de maneira diferente, até que o tédio, paixão que perpassa a narrativa – e que se articula ao tema da repetição, da mesmice –, desencadeie a (aparente) mudança seguinte e assim sucessivamente.

Vejamos, finalmente, o poema de José Paulo Paes (texto 6):

Texto 6: **Ao shopping center**

Pelos teus círculos
vagamos sem rumo
nós almas penadas
do mundo do consumo.

Do elevador ao céu
pela escada ao inferno:
os extremos se tocam
no castigo eterno.

Cada loja é um novo
prego em nossa cruz.
Por mais que compremos
estamos sempre nus
nós que por teus círculos
vagamos sem perdão

à espera (até quando?)
da Grande Liquidação.
(In: **Prosas seguidas de odes mínimas**)

O poema articula duas isotopias que se superpõem: a isotopia econômica, tematizada como consumo e figurativizada pelo shopping center (a que se associam outras figuras como *loja, comprar, Grande Liquidação*) e a isotopia religiosa, cujas figuras – *almas penadas, céu e inferno, castigo eterno, prego, cruz, sem perdão* – remetem ao tema do martírio. Funcionando como desencadeadores de isotopia, esses lexemas nos levam a estabelecer um novo plano de leitura: o consumo não mais visto como um prazer, mas como uma penosa tarefa que o mundo contemporâneo nos obriga – ou nos condena? – a exercer repetidamente. Afinal de contas, “por mais que compremos estamos sempre nus”; por mais que vaguemos, desçamos e subamos, nunca nos realizamos plenamente porque estamos sempre “à espera da Grande Liquidação”. Aliás, o uso de letras maiúsculas nessa última expressão nos leva a associá-la a uma entidade maior, atemporal e inatingível, mas sempre presente em nossas vidas para determinar nossas ações (aquilo que podemos e/ou devemos fazer), assim como ocorre no domínio religioso.

Desse modo, agimos como autômatos (“almas penadas”), vagando sem rumo e sem perdão. Ou seja, não se trata de um trajeto em linha reta, com pontos de partida e de chegada e com um objetivo bem determinado. Ao contrário, “vagamos” e, o que é pior, de forma circular (“por teus círculos vagamos sem rumo/sem perdão”). O narrador, que também se inclui no grupo dos consumidores – já que usa um “nós” misto = eu + você(s) + ele(s) – dirige-se ao narratário – um tu, figurativizado pelo próprio shopping center (“pelos *teus* círculos vagamos”) – para lamentar-se do destino que lhe é imposto pelo mundo do consumo. Com isso, o enunciador/poeta critica o consumismo (exagerado) dos dias de hoje, mostrando-o não como uma escolha, mas como uma imposição: é o próprio calvário do homem contemporâneo.

4. Conclusão

Do ponto de vista discursivo, há, segundo Courtés (1979, p. 130-131), duas formas de contexto: uma do tipo “paradigmático”, constituída pela cultura ou pelo saber comum de um grupo social bastante largo ou restrito; outra de natureza “sintagmática”, que determina as relações de isotopia entre as unidades do conteúdo.

Para o autor, o “contexto paradigmático” pode ser compatibilizado com a noção de “dicionário discursivo”, ou seja, um estoque enorme de figuras (e – acrescentamos – de temas que subjazem a essas figuras), repartidas numa variedade de grupos e subgrupos, no interior de uma dada cultura, que “chamam” umas às outras (estabelecendo, pois, entre si ligações de caráter paradigmático) e que a educação, o ensino, as relações familiares e sociais nos ensinaram primeiro a reconhecer, depois a manipular pouco a pouco nos nossos próprios discursos, nas nossas próprias maneiras de fazer e nos nossos comportamentos cotidianos.

O “contexto sintagmático”, por sua vez, produzindo isotopias, permite reter das unidades de conteúdo apenas os elementos compatíveis entre si, operando, dessa forma, uma seleção discursiva (ou local) necessária e tornando, assim, possível, discursivamente, a homogeneidade dos temas e figuras.

Nessa perspectiva, diríamos que uma das formas de aclarar as maneiras como cada cultura aborda determinados assuntos é examinando as ligações paradigmáticas que os temas e figuras a eles relacionados mantêm entre si, o que nos remeteria à noção de “dicionário discursivo”. Por outro lado, seria também necessário apreender as isotopias (contexto sintagmático) que atravessam os múltiplos discursos que circulam nessa cultura, pois são elas – enquanto traços semânticos recorrentes – que lhes conferirão homogeneidade e coerência.

No presente trabalho, detivemo-nos no contexto sintagmático, focalizando a noção de isotopia, dada a sua importância para a análise do discurso. Como afirma Fiorin (1989, p. 82), o exame das isotopias permite determinar o(s) plano(s) de leitura dos textos, controlar a interpretação dos textos pluri-significativos e definir os mecanismos de construção de certos gêneros de discurso. Por exemplo, no texto humorístico, é a “ruptura” de isotopias, com a escolha da menos óbvia ou da menos esperada pelo leitor, que provoca o riso.

Com as análises feitas na seção anterior, acreditamos ter podido, efetivamente, mostrar, como pretendíamos, a “produtividade” da noção de isotopia na leitura/interpretação de textos de diferentes gêneros e expressos em diferentes linguagens: textos verbais (como as narrativas e o poema) e textos sincréticos, que mesclam duas ou mais linguagens (no caso, a linguagem verbal e a visual, como os anúncios publicitários e a tira humorística). É a isotopia, em última análise que, responsabilizando-se pela homogeneidade e pela coerência semântica do texto, faz dele não um amontoado aleatório de temas e figuras, mas uma “unidade de sentido”. Ou várias...

5. Referências bibliográficas:

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. São Paulo: Atual, 1988.

BERTRAND, Denis. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

COURTÈS, Joseph. *Introdução à semiótica narrativa e discursiva*. Coimbra: Almedina, 1979.

FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 1989.

_____. *A noção de texto em semiótica*. São Paulo: FFLCH-USP, 1994. (xerox)

GREIMAS, Algirdas J.; COURTÈS, Joseph. *Sémiotique; dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Paris: Hachette, 1993.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. *Novo dicionário de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

LARA, Gláucia Muniz Proença. Mídia, gêneros do discurso e transgressão. *Caligrama*, Belo Horizonte, vol. 10, dez. 2005, p. 143-162.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas, SP: Ed. UNICAMP/Pontes, 1993.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva *et alii* (orgs). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

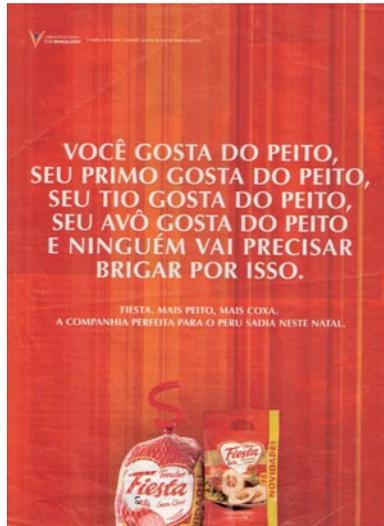
PAES, José Paulo. Ao shopping center. In: _____. *Prosas seguidas de odes mínimas*. Disponível em: http://www.puccamp.br/graduacao/doc/vestibular/2003/vest2003_prova_geral.pdf . Acesso em 18/10/2006.

SAVIOLI, Francisco P.; FIORIN, José Luiz. *Para entender o texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 1990.

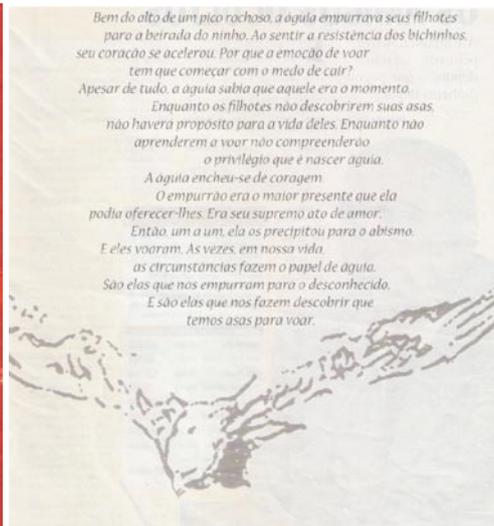
_____. *Lições de texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 1997.

ANEXO 1

Texto 1



Texto 2



(Veja, 21/12/2005)

ANEXO 2

Texto 3



(Folha de S. Paulo, 27/10/04)